



## Uma homenagem à contribuição teórico- metodológica de Claude Zilberberg

Ivã Carlos Lopes\*

José Américo Bezerra Saraiva\*\*

Eliane Soares de Lima\*\*\*

*L'œuvre est faite pour étonner l'ouvrier.*<sup>1</sup>  
(Paul Valéry)

*[...] l'œuvre provient et advient : elle provient de soi et advient à soi. Si elle compte au moins pour un temps, elle excède en partie le mérite de son auteur. La temporalité de l'œuvre est complexe : elle relève de l'ordre du pré-, que le sujet est fondé à revendiquer, mais également de l'ordre du post-, et en ce sens elle appelle de la part du sujet comme une ratification après-coup.*<sup>2</sup>  
(Claude Zilberberg)

A simples busca em site de revista especializada pode servir como primeira medida do grau da influência exercida por um pensador numa dada comunidade científica. O caso se aplica à revista *Estudos Semióticos* e ao pensamento original do mestre Claude Zilberberg. Os “mais-mais” de sua presença, captáveis e computáveis em poucos cliques por qualquer leitor que se digne à tarefa, dão já alguma prova da fecundidade das postulações teóricas desse pequeno gigante em terras brasileiras. O pensamento de Claude Zilberberg, como bem demonstram os artigos desta edição, é inspirador. Provoca pela abertura que promove, convence pelo rigor

\*Editor responsável. Docente pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: { lopesic@usp.br }.

\*\* Editor responsável. Docente pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço para correspondência: { jabsaraiva@gmail.com }.

\*\*\* Editora responsável. Pós-Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística geral da Universidade de São Paulo e membro do Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES-USP). Endereço para correspondência: { li.soli@hotmail.com }.

<sup>1</sup>“A obra é feita para surpreender o obreiro.”

<sup>2</sup>“[...] a obra provém e advém: provém de si e advém a si. Se ao menos por um tempo ela importa, ela excede em parte o mérito de seu autor. A temporalidade da obra é complexa, pois é da ordem do *pré-*, que o sujeito tem razão de reivindicar, porém é também da ordem do *pós-* e, nesse sentido, ela reclama da parte do sujeito algo como uma ratificação *a posteriori*.”

conceitual, encanta pela dicção poética e co-move pela modéstia de um pensador sempre atento e respeitoso à crítica. Acatada por semioticistas mundo afora, a Semiótica Tensiva, pacientemente criada por Zilberberg, conheceu no Brasil intenso interesse e serviu de esteio, por exemplo, para que seu maior intérprete e difusor brasileiro, Luiz Tatit, fosse compondo aos poucos a sua também original teoria da Semiótica da Canção.

Nós da revista *Estudos Semióticos* queremos destacar aqui, nesta edição de homenagem, a relevância do fecundo pensamento de Claude Zilberberg na semiótica brasileira, para poder fazer menção ao seu recente falecimento. Lamentavelmente o mestre partiu! Mas a força e a originalidade de seu pensamento hão de gerar, no campo de presença daquele que cultivar o tempo desacelerado necessário para a leitura de sua obra, efeitos tensivos de assomos e resoluções e de perguntas e respostas que concorram para o restabelecimento da inteligibilidade da dimensão sensível do humano, das oscilações de seus afetos, sempre presentes a modular o sentido de todo e qualquer discurso. Que fique então registrado o nosso profundo agradecimento e a nossa singela homenagem a esse original, legítimo e fidedigno continuador do projeto semiótico surgido e elaborado em torno do nome de outro grande mestre: Algirdas Julien Greimas. Obrigado, Claude Zilberberg, pelo rico legado!

É nesse clima de homenagem que este dossiê se abre com um artigo inédito do criador da teoria tensiva. Ao que tudo indica, esse é um dos últimos textos que, em 2013, ele chegou a redigir: “La poétique de l’image selon Bachelard” [“A poética da imagem segundo Bachelard”]. Zilberberg escrevia com grande regularidade, até o ponto em que a enfermidade o impediu de seguir adiante. No estudo aqui incluído, ele focaliza, como já aponta o título do artigo, a noção de “imagem poética” na obra *A poética do espaço* (1957), de Gaston Bachelard. Seus comentários sobre a conceptualização do filósofo são feitos à luz de uma explanação sobre os três “modos semióticos” – modo de eficiência (sobrevir vs. pervir), modo de existência (apreensão vs. foco) e modo de junção (implicação vs. concessão) – que correspondem ao último estágio dos sucessivos remanejamentos trazidos por ele, ao longo dos anos, à teoria tensiva. Como em outros escritos de Zilberberg, a discussão teórica e epistemológica da semiótica, que aqui compreende também as noções de subvalências, foremas, incrementos, estilos sintáxicos, acaba por ocupar ainda mais espaço textual do que o texto-objeto adotado no ponto de partida, havendo, contudo, sempre uma feliz interação da construção de conceitos com o teste local de sua operacionalidade. Agradecemos, em nome da revista, a Arlette Zilberberg, que nos autorizou a difundir esse trabalho inédito, assim como a Marina Maluli, que gentilmente intermediou o acesso ao arquivo original.

As quatorze outras contribuições compiladas nesta edição especial do volume 15 da *Estudos Semióticos* comprovam cada linha do que foi dito sobre a obra de Zilberberg, seja discutindo a proposta teórica, recuperando suas origens, ou desdobrando dela outras possibilidades, seja demonstrando a sua produtividade metodológica em análises práticas de textos dos mais variados domínios, com os mais diversos objetos de estudos: o romance, a poesia, as canções, as performances artísticas, o discurso racista e até mesmo uma sessão de terapia ou rituais xamânicos. Tal como ambicionávamos, os trabalhos apresentados, de

pesquisadores brasileiros engajados no estudo e divulgação da Semiótica Tensiva, revelam que as proposições do homenageado, fiéis ao quadro epistemológico da semiótica de Greimas à qual se filia, alçam voo para muito além do território da linguística e abrem, assim, a possibilidade de um bom diálogo entre áreas.

Escrito por um profundo conhecedor da teoria de Claude Zilberberg, nas sucessivas fases de sua produção, o artigo de Luiz Tatit (USP), “Bases do pensamento tensivo”, faz um traçado evolutivo do pensamento zilberberguiano e mostra como o semioticista francês, ao longo dos anos, foi construindo a sua gramática tensiva. Tatit desvela, assim, algumas das etapas decisivas que marcaram a entrada do ponto de vista tensivo na semiótica greimasiana, ao mesmo tempo em que, a partir daí, apresenta, de maneira bastante clara e didática, conceitos-chave desenvolvidos por Zilberberg a partir do diálogo constante com a temporalização praticada por Paul Valéry, a ideia de acentuação preconizada em Ernst Cassirer e a perspectiva sobre a musicalização encontrada em Gisèle Brelet. Nessa explanação, evidenciam-se, pois, a força operacional do instrumental descritivo concebido por Zilberberg e o refinamento analítico que representa.

Na sequência dessa abordagem mais teórica, Ricardo Lopes Leite (UFC) problematiza, em seu texto “A complexidade na hipótese tensiva de Claude Zilberberg”, uma noção que está no centro do projeto teórico-metodológico da semiótica tensiva, a de complexidade. Leite, como forma de homenagem ao mestre, procura, no desenvolvimento de seu artigo, de um lado, detalhar o tratamento teórico que Zilberberg deu a esse fenômeno e, de outro, lançar luz à possibilidade de pensar numa “complexificação do raciocínio diferencial”, o que abriria caminho para que as operações discretas passassem a ser analisadas como graduais. Segundo ele, “com a adoção desse ponto de vista, a complexidade não daria azo a qualquer interpretação substancialista ou ontologizante e ganharia estatuto epistemológico de instância de mediação entre as abordagens semióticas que dirigem sua atenção para a dimensão tanto do contínuo quanto do descontínuo”.

É pensando também na questão das diferenças e das gradualidades que Waldir Beividas (USP), com o mesmo objetivo de homenagear a força criadora da semiótica tensiva, retoma, em “Um modelo catenário e tensivo para a estrutura do quadrado semiótico”, essa discussão sobre as categorias contínuas e descontínuas. Para Beividas, é preciso fazer “comunicarem-se” as razões categoriais do quadrado semiótico clássico com as razões tensivas da teoria semiótica de Zilberberg. Desse modo, ele propõe conceber o esquema tensivo como um quadrado tensivo-catenário, uma representação “catenária” da tensividade acoplada ao quadrado semiótico, que, conforme assinala, consegue preservar o vigor opositivo e diferencial dos termos polares, nas suas respectivas tonicidades e/ou intensidades, bem como a granularidade e a elasticidade das pequenas diferenças, ou ainda a granularidade diferencial dos termos não polarizados e distribuídos no trânsito catenário das curvas descendente e ascendente, isto é, das correlações conversas e inversas.

José Américo Bezerra Saraiva (UFC), por sua vez, para prestar homenagem ao criador da semiótica tensiva e demonstrar o alcance da tese central de suas postulações teóricas, a da omnipresença do afeto em todo e qualquer produto discursivo, das artes às lógicas da ciência, promove em seu artigo “Padrão tensivo dos argumentos indutivo, dedutivo e abdutivo”, um paralelo entre a semiótica

tensiva de Zilberberg e a teoria peirciana. Procurando demonstrar que as grandezas afetivas – fundamentais, de fato, à economia do sentido – cifram inclusive o grau de coesão interna dos três tipos básicos de argumento identificados por Peirce: dedutivo, indutivo e abdutivo, Saraiva dedica-se a expor em seu estudo o estatuto da conclusão nas estruturas dos três tipos de argumento lógico, explicitando, sob o viés da tensividade, como esses três tipos de argumento diferem uns dos outros em função do grau de saliência da conclusão no interior da estrutura argumental e do poder de doxalidade referentemente às proposições que preparam a conclusão.

Quem acompanha as discussões recentes no campo da semiótica haverá de observar a pertinência e oportunidade do artigo de Renata Mancini (UFF), “A enunciação tensiva em diálogo”, que dedica uma atenção minuciosa ao problema da concepção da enunciação na semiótica, atravessando as décadas para selecionar pontos de vista que marcaram o tratamento dado ao assunto. A autora discorre sobre um desafio epistemológico assinalado por José Luiz Fiorin: o de avaliar as compatibilidades/ incompatibilidades entre a noção “clássica” de enunciação – tendo por pano de fundo o modelo greimasiano do percurso gerativo – que a situa na transição entre as estruturas narrativas e discursivas, por um lado, e, por outro, a maneira como a questão é abordada pelos pioneiros da semiótica tensiva, onde a tendência é antes a de reconhecer escolhas da enunciação desde as chamadas “precondições” da geração do sentido, situadas nos alicerces do modelo, até seus níveis mais superficiais. Entre a noção mais consolidada na teoria e as hipóteses trazidas pela semiótica tensiva, Fiorin argumenta pelo seu cunho inconciliável; Mancini, por sua vez, procura demonstrar que há espaço para se enxergar certos princípios comuns a aproximar ambas as posições. Para tanto, revisita a trajetória diacrônica da progressiva centralização das paixões e dos afetos na teoria, bem como a peculiar incorporação de ideias da fenomenologia no terreno semiótico, no decurso de algumas décadas.

Já Norma Discini (USP), em “Claude Zilberberg: a semiótica estetizada”, recupera a faceta poética da proposta tensiva, a sua capacidade de desvelar as particularidades da estesia constitutiva da linguagem, do sujeito e dos discursos, advindos dos mais diversos campos do conhecimento. Sua proposição é, então, a de cotejar a maneira como as questões de processamento aspectual e de formação de um sujeito “paciente”, vindas à luz no âmbito da narratividade, ressoam na semiótica tensiva, enquanto se confrontam estilos esboçados nos gêneros discursivos e configurados como estilos autorais. Nesse intuito, a autora utiliza as categorias tensivas para analisar em minúcia o poema “Insular” de Paulo Leminski, que faz uma alusão intertextual à definição metalinguística da palavra “ilha”. Na relação contemplada entre tais gêneros, Discini mostra que a sistematicidade das noções aspectuais concebidas por Zilberberg permite que se apreenda o sujeito de um estilo como corpo também aspectualizado.

O artigo de Carolina Lindenberg Lemos (UFC), “Complexidade da repetição”, sai do campo da estesia para privilegiar o fenômeno da repetição, indagado em seu papel de manifestante de uma estrutura manifestada que se organiza em torno das noções de aspecto e andamento. É mais exatamente a relação da repetição com a construção da tensão, da espera e, enfim, do ritmo textual, ou seja, o seu efeito, o que interessa à autora, para quem “o laço entre a falta e a surpresa que

a repetição põe em jogo nos textos parece trazer uma solução tensiva à oposição entre a semiótica clássica e a visada inaugurada por Claude Zilberberg”.

Também apoiada na produtividade analítica da gramática tensiva, Mariana Luz Pessoa de Barros (UFSCar) aborda princípios próprios a uma “Pequena semiótica da memória” – título de seu artigo –, a partir dos entrelaçamentos possíveis entre as noções de memória e percepção. Na análise que apresenta de *As pequenas memórias* (2006), de José Saramago, a semiotista explicita a operacionalidade dos conceitos de campo de presença e acontecimento – conforme propostos por Jacques Fontanille e Claude Zilberberg – para o estudo dos discursos autobiográficos, retomando a ideia de memória do acontecido e memória-acontecimento, desenvolvida por ela em trabalhos anteriores.

O discurso literário é também o objeto de análise de Adriana Elisa Inácio (USP) em “Uma leitura epifânica do mundo: acontecimento e fratura no romance *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector”. Tendo por base a noção de acontecimento, desenvolvida por Zilberberg, e o conceito greimasiano de fratura, sua proposta é a de apresentar um breve estudo do texto clariciano focalizando “a ressemantização epifânica do acontecimento substancializado pela morte”, ou seja, a sua conversão em discurso. Nesse sentido, a articulista dedica-se a evidenciar a maneira pela qual os ajustes tensivos efetuados pelo sujeito narrativo contribuem para o retorno de uma espécie de equilíbrio discursivo, suprimindo as faltas e contendo os excessos resultantes do impacto do acontecimento extraordinário, o que garante a manutenção da progressão discursiva.

Os ajustes tensivos são também a problemática tratada na contribuição de Bruna Paola Zerbinatti (USP), “Semiótica tensiva e psicanálise: o andamento na sessão analítica”, mas a partir da noção zilberberguiana de andamento. O objetivo é promover uma intersecção entre a Semiótica Tensiva, de Claude Zilberberg, e a Psicanálise de vertente freudiana. Para tanto, a autora parte das possibilidades de aproximação entre as duas teorias, passando, em seguida, à incorporação do conceito de enquadre analítico num diálogo direto com o de andamento por meio de duas vinhetas clínicas.

O discurso da memória volta à cena no artigo “Paixão e memória a partir da letra de ‘Detalhes’”, de Lucas Queiroz (USP), que também vai explorar os conceitos de memória-acontecimento e memória do acontecido, cunhados por Mariana Luz Pessoa de Barros (2011) na esteira dos estudos tensivos em semiótica. Tais noções são concebidas por Queiroz como importantes vetores dos arranjos passionais implícitos no texto escolhido. Pondo entre parênteses o componente melódico e empreendendo, assim, um exame apenas do componente verbal da canção de Roberto e Erasmo Carlos, a análise, atenta às nuances passionais reconhecíveis na letra, procura explicitar os arranjos patêmicos que narratário e narrador espelham.

Saindo do domínio da letra de canção para contemplar o universo da música contemporânea e experimental, mais especificamente a cênica, o artigo de Gustavo Bonin (UFRJ), “Modos de contato na música cênica contemporânea”, propõe observar as estratégias de dominâncias, transportes e ambivalências entre as presenças musicais e as presenças cênicas, por meio de uma descrição da regência musical como uma base sensível que orienta a percepção do sujeito envolvido na prática híbrida de Música Cênica. O autor fundamenta sua discussão no

texto “As condições semióticas da mestiçagem” (2004), de Claude Zilberberg, argumentando que é pelo viés de uma dinâmica aspectual de contato entre as grandezas que se conformam os sentidos na percepção do objeto, segundo uma maior ou menor permeabilidade entre as linguagens, entre as práticas musicais e cênico-performáticas.

Num discurso mais engajado politicamente, Iara Rosa Farias (UNIFESP), em “Investigações sobre o racismo: contribuições da semiótica francesa”, traz à cena o conceito de raça e, a partir dele, de racismo, abordando as transformações decorrentes do uso dos termos, em especial o primeiro, com base nas ideias de “valência” e “valor”, tal qual formuladas por Zilberberg e Fontanille. Assim, Farias procura aplicar a noção de valência da semiótica tensiva para explicar a constituição de um valor conceitual, raça, e do paradigma que permitiu o surgimento do racismo e do discurso racista. Para o percurso histórico do termo e de seu uso nos discursos, a articulista recorre aos trabalhos de Mbembe (2012), Munanga (2000), Ianni (2004) e Bonciani (2016), discutindo a apropriação do termo, das seleções feitas a partir dele e do ponto de vista instaurado para que, saído do discurso da botânica, ele servisse para abordar e descrever as relações entre sujeitos de culturas diferentes.

Aliás, o discurso presente em práticas culturais diferentes é justamente o objeto de investigação de Danilo Paiva Ramos (UFBA) em “Sobre farpas e espinhos: dimensões tensivas de discursos xamânicos Hupd’äh e Desana”. Ao tomar o discurso xamânico como matriz de difusão linguística fundamental ao entendimento das dinâmicas e dos processos de contato e mudança linguísticas entre povos do Alto Rio Negro, o autor busca demonstrar de que maneira a aproximação entre a etnografia da fala e a semiótica tensiva permite depreender padrões formais e temáticos que contribuem para diluir a carga tensiva de acontecimentos responsáveis por evidenciar comunicações e interações sociocósmicas. Para tanto, a análise se debruça sobre a descrição do gênero verbal “benzimento” como sendo marcado por enquadramentos espaço-temporais que relacionam a mobilidade sociocósmica, a tradução de pontos de vista e a comunicação intercultural e interespecífica com animais, plantas e espíritos.

Não é casual que esse elenco de trabalhos sobre coisas tão variadas venha perpassado por discussões cerradas do aparato teórico e das bases epistemológicas em que assenta. Nos escritos do homenageado deste número da revista – e o que se vai ler aqui não constitui exceção – não se via uma única análise prática de textos concretos (foram muitas, nomeadamente quando o assunto era a poesia) em que não despontasse, um pouco por toda parte, o teórico a reexaminar incansavelmente a consistência dos modelos, a coerência da construção nocional: Zilberberg, toda vez que se lançava ao exercício de aplicar a teoria, acabava também por explicá-la ao leitor, não raro fazendo mais isto do que aquilo. Ao mesmo tempo, não há como deixar de notar, a par das “semelhanças de família”, as diferenças entre os trabalhos aqui presentes em termos de instrumental fundamentador das análises: basta, para tanto, que o leitor abra dois ou três livros ou ensaios zilberberguianos separados por algum intervalo de tempo, e a teoria proposta já não será bem a mesma. Quem tem o hábito de ler Zilberberg teve de se acostumar a trabalhar com uma teoria em movimento, “em obras”, para sempre insatisfeita com o ponto

atingido e disposta a ir buscar mais longe. Era sua maneira particular de responder à paradoxal exigência enunciada por Greimas, ainda nos anos 1980, naquele belo texto de introdução a *Sobre o Sentido II*: “fidelidade e mudança”.

Por mais que soubéssemos de sua condição enferma e do seu agravamento progressivo há alguns anos, o falecimento de Claude Zilberberg nos apanhou desprevenidos. Se já vínhamos há certo tempo antecipando o necessário luto, este agora inevitavelmente se aprofunda e intensifica. Do pequeno círculo de estudiosos que tinham conhecimento de sua obra, a maioria dos membros vive na América Latina e, antes de tudo, no Brasil, que é onde as ideias zilberberguianas, até o presente instante, alcançaram mais ampla difusão e reconhecimento no seio da tribo semiótica. Reconhecimento tardio, a partir da primeira visita do autor de *Razão e poética do sentido* ao Brasil, em 1997, na USP, a convite do professor Luiz Tatit; reconhecimento que aos poucos se foi estendendo, à proporção que apareciam traduções de obras suas entre nós e que, uma vez ou outra, os periódicos brasileiros publicavam textos seus, vertidos ao português ou no original francês.

Ganhando a vida fora da universidade, participando sempre na condição de “convidado” dos fóruns de debate da área, desprovido de qualquer retaguarda institucional, infenso, por personalidade, a pirotecnias verbais e a autopromoções narcísicas, Zilberberg tinha em si as condições para permanecer eternamente solitário, na labuta de seu íntegro artesanato semiótico, sem concessões, ruminando sem cessar os raros autores de sua plêiade pessoal cujos escritos ele relia e questionava todo o tempo – e ignorado pela comunidade dos semioticistas. Hoje, sua obra inspira numerosas investigações e não há quem não admita tratar-se de uma das linhas de força da renovação contemporânea na matéria. Custou tempo, a cada um de nós, para chegar à percepção da relevância dessa intervenção desconcertante, dessa semiótica tão criativa quanto rigorosa, tão exata quanto poética. Agora completa – embora inacabada –, ela nos põe diante de muito que fazer e de muito que compreender. Reunindo uma pequena mas expressiva amostra da semiótica tensiva que se faz atualmente no Brasil, este especial da revista *Estudos Semióticos* pretende colaborar com alguns passos na trajetória da interpretação, da colocação à prova e do exame do lugar que lhe caberá na história das ideias desse território de pesquisa. ●

---

## **Dados para indexação em língua estrangeira**

Lopes, Ivã Carlos; Saraiva, José Américo Bezerra;  
Lima, Eliane Soares de.

A tribute to Claude Zilberberg's theoretical and  
methodological contribution.

*Estudos Semióticos*, vol. 15, Edição Especial (2019)  
ISSN 1980-4016

---

## **Como citar este artigo**

Lopes, Ivã Carlos; Saraiva, José Américo Bezerra; Lima, Eliane Soares de. Uma homenagem à contribuição teórico-metodológica de Claude Zilberberg. *Estudos Semióticos*. [online] Disponível em: ( [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) ). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 15, Edição Especial, São Paulo, abril de 2019, p. i-vii. Acesso em “dia/mês/ano”.

---